



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

15037 - Resumo Expandido - Trabalho - XVII Reunião Regional da ANPEd Centro-oeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT 14 / GT 17 - Sociologia da Educação e Filosofia da Educação

BASES FILOSÓFICAS DO PENSAMENTO DE JOHN DEWEY PARA A EDUCAÇÃO: COMPREENDENDO O IDEÁRIO EDUCACIONAL DE BRASÍLIA

Rafaella Lira S dos S de Vasconcelos - SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO DO DISTRITO FEDERAL

Ingrid Dittrich Wiggers - UnB - Universidade de Brasília

BASES FILOSÓFICAS DO PENSAMENTO DE JOHN DEWEY PARA A EDUCAÇÃO: COMPREENDENDO O IDEÁRIO EDUCACIONAL DE BRASÍLIA

RESUMO

O texto, oriundo de uma pesquisa de doutorado defendida no ano de 2022 no âmbito do programa de pós-graduação em educação da Universidade de Brasília, consiste em pensar as contribuições das bases filosóficas de John Dewey para a educação com vistas a compreender as origens do ideário educacional de Brasília, idealizado por Anísio Teixeira, essencialmente no que concerne a arte nas escolas-parque de Brasília. Trata-se de estudo de natureza bibliográfica, que tem sua fundamentação teórica nas concepções deweyanas acerca do pragmatismo, da relação educação e democracia, experiência e arte. A aproximação entre o ideário educativo de Brasília e a tessitura filosófica de Dewey nos aponta para a necessidade da valorização e ampliação desses espaços educativos na Capital brasileira como rota para a fortalecer a formação integral dos indivíduos na sociedade democrática.

Palavras-Chave: John Dewey. Ideário educacional de Brasília. Escolas-parque. Arte.

Introdução

O ideário educacional de Brasília foi elaborado por Anísio Teixeira no contexto da transferência da Capital para o Centro-Oeste brasileiro. O arranjo educativo contemplava os Centros de Educação Elementar, em que estavam integrados os jardins de infância, as escolas-classe e as escolas-parque, além dos centros de educação média e a Universidade

de Brasília (TEIXEIRA, 1961). Esses segmentos foram ajustados ainda com o plano urbanístico da cidade, projetado por Lúcio Costa.

O funcionamento das escolas-classe e das escolas-parque ocorria em turnos opostos, e programas escolares estavam conectados. Essa disposição contrapunha a ideia simplista de escolas e salas de aula e deveria proporcionar aos estudantes uma educação integral. As escolas-parque dispunham de espaços para salas de aula, oficinas, laboratório, ambientes para atividades artísticas, auditório, biblioteca, piscinas, refeitório, quadras de esportes e jardins. A estrutura escolar propunha que a escola fosse como uma universidade para a infância (TEIXEIRA, 1959).

O ensino de arte nesta tipologia escolar passou a ser compreendido como um elemento essencial para o desenvolvimento das crianças, que possibilitaria a ideia de uma educação plena com *experiências reais* (DEWEY, 2010). Para compreender o ensino de arte nas escolas-parque de Brasília e suas concepções, é preciso evidenciar o pensamento filosófico que precede a criação desse espaço educativo, traçando, assim, pontos que nos ajudam a perceber seus sentidos e transmutações no tempo.

O maior referencial do criador das escolas-parque foi o filósofo norte-americano John Dewey. Dewey (1859-1952) presenciou o fortalecimento dos ideais dos Estados Nacionais no início do século XX e, conseqüentemente, as transformações das perspectivas econômicas, sociais, políticas e educacionais que vieram com esse arranjo de nação (CUNHA, 2011). Instigado por reflexões acerca de uma nova escola, Dewey elaborou conceitos que se tornaram orientações para uma educação progressiva tais como o pragmatismo, as relações entre educação e democracia e experiência e arte. Essas elaborações são os fios de sustentação do pensamento educativo deweyano e deliniaram referências para a criação das escolas-parque de Brasília, tipologia escolar potencializadora da formação integral dos indivíduos no sistema educacional da Capital brasileira.

Pragmatismo: uma filosofia da ação

Em *The Development of American Pragmatism*, escrito em 1925, Dewey destaca que o termo “pragmatismo” não é uma construção exclusiva da América do Norte. Apesar de seus precursores, Charles Sanders Peirce (1839-1914) e William James (1842-1910), terem se destacado na busca por uma definição da ideia pragmática nesse continente, Dewey (1998) aponta que o filósofo alemão Immanuel Kant, na obra *The Metaphysics of Morals* (1797), já apontava a necessidade de uma “reconhecimento” entre o racionalismo e o empirismo. Segundo Dewey (1998), Kant diferiu o pragmático do prático, afirmando que o primeiro está relacionado à ação que advém das experiências, enquanto o segundo diz respeito à aplicação da técnica em si.

Dewey (1998) lança sobre o pragmatismo um olhar filosófico voltado para as questões culturais, morais e educacionais da sociedade, esclarecendo que essa concepção compreende a ação como um processo lógico e interessado no qual o pensamento reflexivo estabelece uma

outra noção da relação prática – raciocínio. Na concepção deweyana, é preciso desconstruir as dicotomias e reconstruir as experiências que nos levam aos sentidos dos objetos, às mediações das aprendizagens e aos possíveis consensos. Para Dewey, no pragmatismo, são as experiências que o deslocam da ideia de um método para o ato da investigação.

Educação e democracia: um ideal além das salas de aula

Dewey (1915), em *Democracy and Education*, apresenta a educação como uma necessidade da própria vida humana, como aquilo que nos difere dos demais seres vivos que podem se adaptar às condições interpostas, mas não se renovam por força de suas ações e experiências. Segundo o autor (1915, p. 2), “é a educação, em seu amplo sentido, que permite a continuidade social da vida” (tradução nossa).

Para viabilizar uma integração e significância entre os diferentes processos educativos, Dewey (1915) credita à educação uma função socializadora capaz de harmonizar os conhecimentos acumulados na humanidade com os interesses dos mais jovens, que configuram, ao seu tempo, os significados das novas gerações. O ponto nodal para Dewey está no método capaz de tornar essa comunicação um transcurso de ressignificação das experiências. Nessa perspectiva, a educação é uma direção (DEWEY, 1915).

O sentido de direção expresso pelo filósofo “não se confunde com a coação física, ela consiste em fazer convergir os impulsos que se manifestam em dado tempo para algum fim especial, e em introduzir continuidade na sucessão dos atos” (Dewey, 1936, p. 64). Assim, cabe à educação despertar o desejo do desenvolvimento nas crianças, proporcionando-lhes experiências que lhes permitam jogar com situações da vida comum, pois, as crianças não são candidatas a futuros membros da sociedade, elas já o são (DEWEY, 1936).

Dentre alguns direcionamentos da educação tratados por Dewey (1936), destacamos a cultura, que, para o filósofo, está intrinsecamente ligada à ideia de uma eficiência social. De acordo com Dewey (1936, p. 160), “a cultura é também algo de pessoal; é o cultivo da apreciação das ideias, da arte e dos interesses humanos mais gerais”. Nesse enredo, a arte em suas diversas manifestações é apresentada como uma elaboração cultural que está ligada às experiências concretas, um “produto de interação contínua e cumulativa de um eu orgânico com o mundo” (Dewey, 2010, p. 18). A arte é uma forma de acesso aos conhecimentos acumulados pela humanidade, bem como sua experimentação no espaço escolar é um modo de se reconstruir esses saberes e elaborar as experiências estéticas subjetivas ou coletivas.

Experiência e arte: uma *poiesis* educativa

Aristóteles definiu a poética, ou *poiesis*, como aquilo que “tem por essência comum imitar a realidade natural e humana, valendo-se, para isso, de diversos meios, que são elementos e princípios estéticos gerais” (NUNES, 1999, p. 15). Assim, podemos dizer que a arte em seus propósitos filosóficos é uma imitação dos anseios da realidade natural e humana e, portanto, poderia ser considerada um lócus de *poiesis* educativa, se pensada como espaço

de formação para uma vida dotada de experimentações singulares que ocorreriam por meio das artes.

Segundo Dewey (2010, p. 88), “a experiência é o resultado, o sinal e a recompensa da interação e o meio que, quando plenamente realizada, é uma transformação da interação em participação e comunicação”. É um fluxo contínuo e singular, que não se encerra em uma cessação, mas em uma consumação, fruto de uma atividade inteligente, que não se constitui distraidamente, pois exige percepção, conhecimento e análise crítica.

Jay (2009, p. 26) indica que, do ponto de vista etimológico, há uma associação encoberta entre as palavras “experiência” e “perigo” uma vez que a primeira caracteriza haver sobrevivido aos riscos e por isso, “também pode conotar uma mundanidade que deixou para trás a inocência ao enfrentar e superar os perigos e desafios que a vida costuma apresentar” (tradução nossa). A experiência contém não apenas a ação de experimentar, mas ainda o processo subjetivo e as consequências que servirão de aporte para um fluxo de experiências vindouras.

Dewey (2010), em *Arte como experiência*, considera que não há experiência mais intensa do que aquela obtida na arte. Ao perceber o humano como parte do material da experiência estética, o filósofo concebe a arte como um jogo de interações, em que a matéria, o conteúdo e a forma só ganham sentido quando são expressos e reconhecidos os signos culturais que de alguma forma estão presentes no contexto dos “jogadores”. Nessa toada, a arte e a experiência se entrelaçam, pois se aproximam à medida que fortalecem os fluxos de experimentações anteriores e dão prosseguimento a essa elaboração capaz de transformar vivências, sensações, teorias e conhecimentos em novas aprendizagens.

Vislumbramos, assim, que a arte como experiência é um exercício de democracia, pois pode viabilizar a comunicação e as significações da cultura nos grupos sociais. É neste contexto que as escolas-parque de Brasília expressam dialogicidade com as bases filosóficas deweyanas, destacando as ressignificações de Anísio Teixeira para a criação de um arranjo educativo em que a ação é compreendida como a consubstanciação das experiências artísticas e propulsora de uma *poiesis* educativa.

Considerações finais

Com o surgimento de Brasília, nasce a possibilidade de um ideário educacional, que entrecruzava educação, sociedade, democracia, bem como a arte, cultura e arquitetura da própria cidade. Ao revisitar as bases filosóficas do pensamento de John Dewey vemos as origens do ideário educativo da Capital, essencialmente no que concerne à arte nas escolas-parque de Brasília, materializado por meio do arranjo pedagógico criado por Anísio Teixeira.

Dewey nos convida a repensar a relação entre ação, arte e experiência, desafiando dicotomias tradicionais e propondo uma visão integrada do pensamento. Sua ênfase na importância das experiências como fundamentais para a construção do conhecimento e para o

desenvolvimento humano ressoa não apenas na educação, mas também em outros campos da vida social e cultural.

Além disso, ao explorar a conexão entre educação e democracia, Dewey destaca a necessidade de uma abordagem educativa que promova a participação ativa dos indivíduos na sociedade e que os capacite a enfrentar os desafios de forma crítica, criativa e colaborativa, tal observa-se no ideário educativo de Brasília e na prospecção das escolas-parque como espaço de formação integral para as crianças.

REFERÊNCIAS

CUNHA, Marcus Vinícius. *John Dewey: uma filosofia para educadores em sala de aula*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

DEWEY, John. *Arte como experiência*. Tradução de Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

DEWEY, John. The Development of American pragmatismo. In: HICKMAN, Larry A.; ALEXANDER, Thomas M. *The Essential of Dewey*, vol. I: Pragmatism, Education, Democracy. Edited by. Bloomington & Indianapolis: Indiana University Press, 1998. p. 283-299.

DEWEY, John; RANGEL, Godofredo; TEIXEIRA, Anísio. *Democracia e educação: breve tratado de philosophia de educação*. Companhia Editora Nacional, 1936.

DEWEY, John. *Democracy and education: An introduction to the philosophy of education*. Macmillan, 1923. (1915)

JAY, Martins. *Cantos de experiencia: variaciones modernas sobre un tema universal*. Tradução de Gabriela Ventureira. Buenos Aires: Paidós, 2009.

NUNES, Benedito. *Introdução à Filosofia da Arte*. São Paulo: Ática, 1999.